

Arraes isenta governo de responsabilidade

Recife — O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, eximiu ontem o governo do estado de qualquer responsabilidade em relação à contaminação da água da hemodiálise do Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR), que já matou 37 pessoas.

Em sua primeira entrevista à imprensa sobre o assunto, Arraes disse que o estado tomou todas as providências cabíveis tão logo soube do que ocorria na clínica. Também não aponta culpados, já que o episódio ainda está sendo apurado e até agora, segundo ele, não há nada de conclusivo que leve o governo a assumir culpa ou a lançar culpa sobre alguém.

Ele observou que as análises de água em todo o País são feitas corriqueiramente e que as águas para uso e fins específicos, a exemplo de químicas ou fábricas de bebidas, devem ser verificadas também por quem as utiliza.

Relatório — O governador conversou com os jornalistas depois de uma reunião com o secretário de Saúde, Jarbas Barbosa, e médicos encarregados de investigar a substância que contaminou a água do IDR, em meados de fevereiro.

Arraes recebeu o primeiro relatório parcial das investigações, que estão sendo realizadas com ajuda de especialistas nacionais e estrangeiros, mas não o comentou.

O governador disse não ter intenção de visitar os mais de 60 pacientes (três deles em estado grave) que estão sob observação médica no Recife e em Caruaru. “O que me com-

petia foi feito”, observou. “Determinar a apuração rigorosa dos acontecimentos”.

Exames — O Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) reproduziu ontem, em laboratório, o processo de filtração de água verificado nos aparelhos de hemodiálise do Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR).

A experiência, que utilizou amostras do carvão recolhido nos filtros desses equipamentos, será concluída hoje e poderá comprovar a suspeita de que a morte de 37 pacientes do IDR foi causada pela “microcistina”, toxina produzida por alguns tipos de bactérias azuis (cianobactérias) ou algas dessa cor.

A suspeita foi levantada pela pesquisadora Sandra Feliciano Azevedo, coordenadora do curso de Pós-Graduação em Química do Núcleo, que já constatou a presença da toxina nas amostras de carvão dos aparelhos do IDR.

Sandra Azevedo disse que a microcistina é uma molécula que resiste aos tratamentos convencionais de água e só é eliminada com processos especiais de filtração, exigidos em diálise. Segundo ela, essa toxina ataca diretamente as células hepáticas, provocando sua desorganização e ocorrência de hemorragia inter-hepática.

Uma terceira linha de ação é a análise das vísceras das vítimas da hemodiálise no laboratório do pesquisador americano Wayne Camichal, que deverá divulgar o resultado amanhã.

Otávio magalhães/AE